

## **CICLO DE APRENDIZAGEM VIVENCIAL**

Quando trabalhamos em oficina utilizamos dinâmicas de grupos, jogos, filmes, enfim. Estas atividades devem, necessariamente, ser realizadas em Ciclo de Aprendizagem Vivencial, como descreveremos a seguir.

A Aprendizagem Vivencial ocorre quando uma pessoa se envolve numa atividade, analisa a atividade criticamente, extrai algum insight útil dessa análise e aplica seus resultados. Certamente, este processo é vivenciado espontaneamente na vida normal de qualquer pessoa. Nós o chamamos de “processo indutivo”, porque parte da simples observação, mais do que de uma “verdade” estabelecida como seria no “processo dedutivo”. A aprendizagem pode ser definida como uma mudança relativamente estável do comportamento e este é o objetivo típico da educação formal ou informal.

### **1 – Vivência (O Fazer)**

O primeiro estágio da aprendizagem vivencial é ligado à aplicação e participação da dinâmica. Obviamente, se o processo para após este estágio, todo o aprendizado é relegado ao acaso e o trabalho do facilitador fica incompleto. Quase toda atividade que implica autoavaliação e interação interpessoal pode ser usada como estágio de vivência da Aprendizagem Vivencial. A relação a seguir se refere às atividades individuais e grupais mais comuns:

- fabricação de produtos;
- criação de objetos de arte;
- dramatização;
- interações;
- solução de problemas;
- feedback;
- autoexposição;
- fantasia;
- escolha;
- comunicação não verbal;
- redação;
- estudos de casos;
- negociação;
- planejamento.

Estas atividades podem ser levadas a efeito por indivíduos em tríades, duplas, pequenos grupos, arranjos de grupos ou grandes grupos. Os objetivos das atividades estruturadas são gerais e colocados em termos de “explorar”, “examinar”, “estudar”, “identificar”, “vivenciar”, “analisar”, etc. A aprendizagem indutiva significa aprendizagem através da descoberta, onde o que exatamente será aprendido não pode ser especificado de antemão. Tudo o que se quer neste estágio do ciclo de aprendizagem é desenvolver uma base comum de dados para a discussão que se fará em seguida. Algumas vezes, o facilitador despende uma quantidade enorme de energia, planejando as atividades, sem, contudo, planejar a fase de análise. Os próximos quatro estágios do Ciclo de Aprendizagem Vivencial são essenciais para que a aplicação da dinâmica tenha sentido. Durante a vivência pode ocorrer bastante excitação e divertimento, bem como conflitos nas interações humanas. Mas, estes fatores não são sinônimos de aprendizagem. Eles, apenas, fornecem um referencial comum para a investigação.

## **2 - Relato (O Sentir) – para seguir no conceito como na fase 1 – O Fazer**

As pessoas, após vivenciarem uma atividade, estão prontas para compartilhar o que viram e/ou como se sentiram, durante o evento. A intenção, aqui, é tornar disponível para o grupo a experiência de cada indivíduo. Este estágio envolve a descoberta do que aconteceu entre os indivíduos, tanto em nível cognitivo quanto afetivo, enquanto a atividade estava se desenvolvendo. O relato pode ser facilitado através de:

- registro de dados referentes à produtividade do grupo, satisfação, confiança, liderança, comunicação, decisões, sentimentos, etc.;
- registro de rápidas associações de ideias, abrangendo os vários tópicos relacionados à atividade;
- relatos nos subgrupos;
- listas afixadas no quadro ou cavalete, contendo dados do grupo;
- giro pelos grupos, com a realização de minientrevistas com os participantes, para que relatem suas dificuldades e facilidades;
- análise do desempenho do grupo quando da representação de papéis (de coordenador, moderador, redator/relator, etc.).

A fase do relato pode desenvolver-se através de discussões livres, mas isto exige que o facilitador esteja cômico das diferenças dos diversos estágios do ciclo e intervenha nas horas certas, fazendo com que o grupo abstraia-se da atividade e dos papéis, para que haja a aprendizagem. Principais perguntas a serem feitas

aos participantes: • Qual o seu sentimento em relação ao seu resultado? (sempre é individual, nunca coletivo). • Qual estratégia você utilizou?

### **3 – Processamento (O Avaliar)**

É a fase do ciclo conhecida como dinâmica de grupo, na qual os participantes reconstruem os padrões de comportamento, as interações da atividade, a partir de relatos individuais. Esta discussão em profundidade é a parte crítica do ciclo e não pode ser ignorada. O facilitador planeja, cuidadosamente, esta fase e, nela, pode utilizar: roteiro de observação do processo;

discussão temática de tópicos decorrentes dos relatórios individuais; complementação de sentenças, tais como: “a liderança foi...”, “a participação nesta atividade levou a...”, etc.;

questionários estruturados, relacionados com o tema;

- palavras-chave afixadas em local visível, que possam orientar as discussões;
- feedback interpessoal, relativo ao desempenho dos membros do grupo. Nesta fase, os participantes são levados a observar o que aconteceu em termos de dinâmica. O facilitador deve clarear para o grupo que o que se passou foi artificialmente planejado pela estrutura da atividade. Aqui, os participantes, geralmente, tendem a antecipar o próximo estágio do ciclo e fazem generalizações prematuras. O facilitador precisa certificar-se de que o processamento foi adequado antes de prosseguir para os estágios seguintes. Principais perguntas a serem feitas aos participantes:

Tentar explicar o que aconteceu?

Por que do sucesso/Por que do fracasso?

Se você tivesse uma outra chance o que você mudaria?

### **4 – Generalizações (O extrapolar da dinâmica para situações do cotidiano)**

No estágio da generalização, os participantes inferem princípios que podem ser aplicados em sua realidade, a partir da atividade. Este estágio pode ser aprofundado a partir de algumas estratégias:

- Fantasia

Levar os participantes a imaginarem situações realísticas do dia a dia e a aplicação de alguns conceitos extraídos da atividade. Ex.: “Há semelhanças entre o trabalho desenvolvido aqui e os trabalhos desenvolvidos nas organizações”.

- Análise individual

Questionar os participantes sobre as habilidades que adquiriram ou aprenderam, com a atividade.

- Palavras-chave

Afixar tópicos que sirvam de subsídios para generalizações. Ex.: “liderança, comunicação, sentimentos...”

- Complementação de sentenças Completar frases, tais como: “a eficiência de um trabalho de grupo depende de...” É importante que, nesta fase, as generalizações sejam debatidas e apresentadas ao grupo, de forma oral e visual. Esta estratégia ajuda a facilitar a aprendizagem.

O facilitador precisa manter uma postura não avaliativa em relação ao que é aprendido, buscando do próprio grupo o complemento de ideias e generalizações incompletas.

No estágio de generalizações, é facultado ao facilitador introduzir conclusões teóricas e resultados de pesquisas para enriquecer o aprendizado. Principais perguntas a serem feitas aos participantes:

Como estas situações acontecem na vida real/na família/ na sociedade/no centro espírita/trabalho?

## **5 – Aplicação (O Praticar)**

O estágio de aplicação é o propósito para o qual todo o processo é planejado. É o momento em que os participantes transferem as generalizações para a situação real, na qual estão envolvidos, e planejam comportamentos mais eficazes. Vários procedimentos podem ser adotados neste estágio:

- Consultoria em tríades (os participantes alternam-se e ajudam uns aos outros, levantando problemas do dia a dia e aplicando generalizações).
- Estabelecimento de objetivos (plano de melhoria, baseado nos problemas do dia a dia, a partir de generalizações da tarefa).
- Contratação (assumir perante o grupo compromissos explícitos no que concerne a aplicações).
- Formação de subgrupos de interesses comuns para discutir generalizações concretas, em termos do que pode ser aproveitado mais efetivamente.

- Sessão de prática (dramatizar situações do dia a dia, para ensaiar novas formas de comportamento).

Os indivíduos estão mais propensos a implementar suas aplicações planejadas, quando as compartilham com outros. Voluntários podem ser solicitados a relatar o que pretendem fazer com o que aprenderam e isto pode encorajar outros a experimentar novos comportamentos. Existem outras maneiras de aprender. Por exemplo, habilidades são mais bem aprendidas através da prática que se aproxima de um modelo ideal, do conhecimento dos resultados e do esforço positivo. As atividades estruturadas não proporcionam, de imediato, desenvolvimento de perspectivas abrangentes. Métodos de preleção são, provavelmente, mais adequados para este propósito. Entretanto, o que a Aprendizagem Vivencial pode conseguir é que as pessoas assumam o que aprenderam. Principais perguntas a serem feitas aos participantes:

- O que de bom ficou desta discussão? De que forma podemos aplicar esta atividade no nosso dia a dia? (sempre focar no aspecto positivo).
- Listar os novos comportamentos em relação ao tempo (a partir de hoje para os próximos quinze dias, mês, trimestre, semestre, etc.). O que ouço, esqueço. O que vejo, recordo. O que faço, aprendo. (Confúcio.) O roteiro visto anteriormente pode ser aplicado em outras situações de ensino-aprendizagem, quando, por exemplo, utilizamos como recurso didático um filme, vídeo ou livro.